

## Da lama ao caos, do caos à vida

Neste número, três artigos sobre violência na infância estão publicados enfocando aspectos distintos, mas não menos relevantes, de um problema tão grave e de difícil solução, com o qual as sociedades humanas atuais convivem. Os enfoques de diferentes aspectos do problema tornam-se de interesse por tratar de elementos específicos – aliás, discorrem sobre a experiência em países bastante diferentes – tal fossem duas faces de uma mesma moeda. Ambos, enfim, buscando identificar as realidades subjacentes e as dificuldades para superar.

No artigo canadense, que é uma Revisão, aborda-se a questão da importância do apego na qualidade da relação afetiva mãe-filho; os artigos brasileiros – Originais – são da ordem do desamparo, do sofrimento vivido e do difícil enfrentamento pelos serviços de saúde pública num país em desenvolvimento. O presente Editorial realça precisamente este último aspecto.

De fato, dentre as muitas calamidades sociais, a violência e a fome destacam-se por causarem sofrimento imenso e plural no mundo inteiro. Estivesse vivo, Josué de Castro, eminente pernambucano, médico e político, autor do livro “Geografia da fome”, provavelmente ficaria estarrecido ao saber da explosão de outro tipo de fome: a de afetos.

Ambas, a fome de alimentos e a fome de amor, provocam olhos tristes, corroem a alma, e a esperança por um futuro melhor. Ambas matam, destruição real ou simbólica, transgridem as leis – do homem e de Deus – devastam a dignidade, imprimem uma tatuagem invisível, mas implacável.

A fome de alimentos pode endurecer afetos, desencadeando a fome de amor ou vice-versa, formando-se intrincada rede que aprisiona milhares de crianças e adolescentes, brutalizados diariamente de modos bárbaros: violação social, familiar, sexual, urbana.

Em certa ocasião, realizando grupoterapia analítica com adolescentes, indaguei o que seria violência. Uma garota de 13 anos respondeu “É tudo que magoa a gente”. Isso aconteceu há mais de vinte anos, mas suas palavras ainda retornam em situações como a seguinte.

Amora tinha 15 anos quando a conheci. Veio à consulta com a mãe, apresentando dores na barriga e frequentes náuseas. Garota calma, vivia “da casa para escola”. Permaneceu ora calada ora com monossílabos, apesar de minhas tentativas de diálogo. Ao examiná-la percebi o aumento uterino, e uma ultrassonografia confirmou a gravidez. Amora tentou negar mas diante da imagem chuviscada de um coração palpitante, baixou a cabeça e chorou.

Sua história se repete, feito eco, na vida de centenas de adolescentes no Brasil e mundo afora. Primogênita de quatro filhos, tinha pais semianalfabetos, separados antes de ela completar o primeiro ano de vida. Meses depois a mãe estava com novo companheiro. Mulher dedicada à família, saía no raiar do dia para trabalhar em casa de família. O companheiro ficava com as crianças e vigiava uma loja à noite. Ao perceber que a enteada com corpo de menina-moça, cobiçou e cedeu aos desejos, passou a ameaçá-la com um facão da cozinha e, onde a garota preparava o almoço da família, deu início a sessões de tortura quase diárias sobre a, origem da gravidez.

Interrompida a conspiração do silêncio, vi-me diante de uma mãe perplexa, furiosa com o companheiro, a quem a enteada chamava de pai; percebi nas lágrimas de ambas reflexos de choro-decepção, choro-vergonha, choro-revolta, e medos.

Tempos depois fui visitá-las na maternidade. Amora amamentava a filhinha ao lado da orgulhosa recém-avó, que me relatou ter denunciado o companheiro, então aprisionado, e desvendou uma repetição geracional: ela também fora violentada pelo padrasto, mas sua mãe, avó de Amora, não acreditou e a expulsou de casa. Quando indaguei à adolescente como estava encarando a situação, ouvi um animado e juvenil “Agora tudo bem, é café pequeno.”

Considerando a resposta da adolescente que participava do grupo, Amora carregava imensas e incalculáveis mágoas. Se utilizada a tipologia científica, podem ser listadas as violências que ela sofreu, da física à sexual, não esquecendo que nesse caso considera-se também violência de gênero. Nascida em um gueto da pobreza

nordestina no Brasil, herdou a exclusão social, suportou o abandono do pai ainda criança, as ameaças e investidas do padrasto.

Amora é um nome fictício, porém sua história é verdadeira, espelho de outras jovens, que nem sempre voltam a ter ânimo. Centenas buscam as ruas para livrar-se de garras nefastas, caindo nos labirintos das drogas, prostituição e criminalidade, redimensionando a violência. Grande parte desenvolve estresse pós-traumático, depressão e, na dor imensa, pode recorrer a tentativa de suicídio, por vezes exitosa. Muitas não contam com o amparo de uma mãe tal a de Amora, que interrompeu os laços da transmissão transgeracional da violação incestuosa, que arrebatou corpo e alma.

Estivesse entre nós, Josué de Castro teria alguma esperança: a Ciência reconhece e nomeia como resiliência a capacidade de o indivíduo superar adversidades ou situações de extrema dor – física, moral, psíquica. Considera-se a resiliência biológica, ou capacidade de superar danos orgânicos, incluindo o impacto do estresse cotidiano; há a resiliência social, a psicológica, todas desembocando em único mar, o da renovação de vida, rearticulação com o futuro, possibilidade de ser feliz outra vez.

A resiliência é um processo e não traço permanente; advém de características da personalidade, por sua vez enraizadas na genética e na herança psíquica, e articula-se ao contexto ecológico, sociocultural, do qual o sujeito é partícipe.

O empoderamento das forças positivas, construídas no processo evolutivo do sujeito, depende de cuidadores familiares ou substitutos, da rede de apoio socioafetivo, de políticas públicas direcionadas às famílias de risco psicossocial, de eficaz atuação jurídica, de leis que garantam a punição de infratores, independente de raça, gênero, profissão e influência social.

A perspectiva da resiliência permite outro olhar à invisibilidade dos que estão à margem social, renova esperança aos que vivenciaram situações inimagináveis. A resiliência possibilita acreditar na trajetória da lama ao caos, e do caos retornar à vida.

Elizabeth Cordeiro Fernandes <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).